

irremissível desde que publicado em sua seção o artigo “Ato Institucional II”⁽³⁶³⁾. Cony dirigiu ao redator-chefe do *Correio da Manhã*, em consequência, a carta seguinte: “Illo. Sr. Dr. Antônio Callado. Conhecedor de uma situação embaraçosa para o meu chefe e amigo, venho, por meio desta, pedir demissão do cargo de redator que ocupo no *Correio da Manhã*. Esta é a quarta vez que peço demissão do jornal — sou um reincidente incurável. Das vezes anteriores o fiz por motivos pessoais. Desta vez, porém, o faço para facilitar a solução de uma crise em que, honestamente, não me considero envolvido. A crônica de hoje, no meu entender, em nada poderia provocar ou influir em uma crise interna entre a administração e a redação. Mas a crise houve — e não quero que ela se prolongue à custa de um mal-estar em que, involuntariamente, coloquei um amigo que admiro e respeito. O fato de, no momento, estar sendo processado por uma autoridade, com julgamento marcado para março-abril, não é motivo para poupar-me, sacrificando um amigo. Sei me defender sozinho — e o venho fazendo até aqui. Fique certo, Callado, de minha estima, e receba o meu abraço. (a) Carlos Heitor Cony”⁽³⁶⁴⁾. Alguns meses adiante, Otto Maria Carpeaux, que vinha fazendo a crônica internacional, via essa seção suprimida e ficava proibido de assinar qualquer matéria no jornal. E, assim, a “liberdade de imprensa”, em nosso país, ficava, mais uma vez, documentalmente, caracterizada. Seus restos eram representados pela *Revista Civilização Brasileira*, bimestral, dirigida por Ênio Silveira, em circulação desde março de 1965, e pelos semanários *Brasil Semanal*, de S. Paulo, dirigido por Euzébio Rocha, e *Folha da Semana*, do Rio, dirigida por Artur José Poerner, aquela revista e estes jornais na curiosa situação de não poder circular, entretanto, em alguns Estados, como Rio Grande do Sul e Pernambuco, por força de determinação e apreensões das autoridades militares locais.

Enquanto isso ocorria com a imprensa brasileira, multiplicavam-se, aqui, as primorosas revistas estrangeiras, como *O Médico Moderno*, *O Dirigente Rural*, *o Engenheiro Moderno*, *Química e Derivados*, *Quatro Rodas*, *Capricho*, *Manequim*, *Ilusão*, *O Pato Donald*, *Intervalo*, *Mickey*, *Direção*, e

(363) Nessa crônica, Cony mencionava que, em seu artigo 1º, o Ato determinaria: “A partir da publicação deste Ato, os Estados Unidos do Brasil passam a denominar-se Brasil dos Estados Unidos”. Diante disso, manter Cony na redação era perder a publicidade. A pressão que levou à demissão de Cony e colocou o jornal na situação de capitular teve, ainda, como consequência, a demissão de Antônio Callado da chefia da redação. Callado, em gesto de grande dignidade, deixou o jornal, por não aceitar a demissão de Cony. Aceitá-la seria, realmente, romper com a linha de independência do *Correio da Manhã*. A superintendência era exercida por José Portinho e a direção por Niomar Moniz Sodré.

(364) Carlos Heitor Cony: *Posto Seis*, Rio, 1965, pág. 226.